

Credores acreditam em acordo

Porta-vozes do comitê norte-americano de bancos credores do Brasil afirmaram ontem que têm esperanças de chegar a um acordo que não acarrete prejuízos para ambas as partes. A impressão é que a decisão do Brasil de suspender o pagamento dos juros da dívida externa visa obter condições semelhantes às do México para saldar seus compromissos. O ministro Dílson Funaro é esperado nos Estados Unidos na primeira semana de março para iniciar novos entendimentos, embora não disponha hoje de outro pacote econômico que permita a obtenção de novos recursos.

Segundo Williard Butcher, diretor do Chase Manhattan Bank, a decisão brasileira "é uma má notícia e significa um grande revés para os bancos", cuja situação poderá ser objeto de ajuda por parte do Federal Reserve. A iniciativa do Brasil representará para os bancos internacio-

nais uma perda de US\$ 2 a 2,4 bilhões nos três primeiros meses de sua vigência.

BANQUEIROS

A decisão do Brasil de suspender por tempo indeterminado o pagamento dos juros sobre sua dívida de US\$ 68 bilhões junto aos bancos comerciais conduzirá a tensas negociações com os credores para refinanciá-la. Essa é a opinião de diversos banqueiros norte-americanos, que esperam por parte do Brasil um pedido de US\$ 5 bilhões de dinheiro novo, segundo informações da agência Reuter. Esses banqueiros garantem, entretanto, que qualquer solicitação neste sentido deverá passar previamente pela aprovação do Fundo Monetário Internacional (FMI). Segundo eles, o nome do FMI converteu-se em anátema no Brasil depois que impôs duras medidas de austeridade há quatro anos.

Os banqueiros afirmaram ainda

que não se deixarão influenciar pelo recente acordo obtido pelo Brasil junto ao Clube de Paris para reescalonar US\$ 4 bilhões, sem um acordo paralelo com o FMI. Um deles garantiu que ficaram "assombrados com a decisão do Clube de Paris de não exigir a disciplina do FMI. Algumas concessões sobre os termos do acordo e os *spreads* poderiam existir, mas o FMI deve retornar". Outro banqueiro lembrou a recente declaração do presidente do Federal Reserve, Paul Volcker, segundo o qual o Brasil se encontra "em grave crise econômica", acrescentando que o País "precisa da disciplina de um acordo com o FMI". A opinião desses banqueiros é que os problemas do Brasil poderiam ser rapidamente resolvidos desde que fossem implementadas políticas adequadas. Uma das fontes citadas pela Reuter considera que "as bases fundamentais ainda são bastante positivas" e que o

discurso do presidente José Sarney deixou uma luz de esperança. Outro, mais pessimista, sentenciou: "Eles querem ter suas Malvinas".

MÉXICO APOIA

O secretário da Fazenda do México, Gustavo Petricioli, afirmou que a decisão do Brasil é correta no âmbito dos atuais acordos financeiros. "Essa é uma cláusula perfeitamente válida, negociada e aceita nos convênios financeiros e de reescalonamento", disse Petricioli, expressando a perspectiva otimista de que o Brasil venha a ter a mesma sorte que o México e encontre as condições apropriadas para reestruturar sua dívida externa atual. Petricioli mostrou-se convicto de que o Brasil encontrará apoio internacional e que todos se darão conta do grande risco que corre o sistema financeiro internacional por falta de cooperação e de responsabilidade na solução desses problemas.